

01

A NOVA AMÉRICA (2021), DE PEDRO SASSE

Alice Pereira

Alice de Araujo Nascimento Pereira

Doutora em Estudos Literários pela UFF (2021).

Professora de inglês do IFFluminense - Campus Macaé.

Coordena o projeto de pesquisa “De Frankenstein a Black Mirror: representação da ciência e tecnologia na ficção científica” desde 2021.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9761-4089>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8193270402801504>

**A NOVA AMÉRICA:
FRONTEIRAS PERMEÁVEIS E
CONTESTAÇÃO DE BINARISMOS NO
ROMANCE DE PEDRO SASSE**

Em seu romance de estreia, *A Nova América* (2021a), Pedro Sasse, carioca graduado em Letras pela UERJ, Mestre em Letras também pela UERJ e Doutor em Estudos Literários pela UFF, nos transporta para um cenário futuro que nos parecerá estranho e familiar ao mesmo tempo, numa narrativa que mescla a ficção científica, o distópico e o apocalíptico, embora muitos considerem que os dois últimos são subgêneros do primeiro, nessas páginas poderemos ver as especificidades de cada um. Aqueles que são fãs desses gêneros, poderão identificar as influências de H.G. Wells, Ursula LeGuin, Octavia Butler, Ignacio Loyola Brandão, Phillip K Dick e Aldous Huxley, assim como referências a *Black Mirror* e *Mad Max*, dentre outros na narrativa. A intertextualidade evidenciada nessas pequenas homenagens não interfere em sua originalidade e atualidade. É interessante refletir que a ficção científica (FC) é um gênero em permanente atualização e diálogo com outros gêneros. Nesse sentido, para a acadêmica Raffaella Baccolini: “a noção de um gênero impuro, um gênero permeável cujas fronteiras permitem a contaminação por outros gêneros, representa a resistência a ideologia hegemônica e renova a natureza resistente de ficção científica” (2004, p. 521, tradução nossa)¹. Ao escrever FC a partir do sul global, na periferia do



1 No original: “The notion of an impure genre, one with permeable borders that allow contamination from other genres, represents resistance to a hegemonic

capitalismo, essa ficção ganha camadas de complexidade e nuances, visto que o contexto em que a obra nasce e onde a trama transcorre é bastante distinto dos países hegemônicos do norte global onde esse gênero floresceu.

A FC, a distopia e o apocalíptico levam leitores a outros tempos e locais e não se preocupam em representar fielmente a realidade empírica. Por isso, tais obras são por vezes descartadas como literatura “séria” ou digna de atenção acadêmica. Porém, é preciso um olhar para as convenções, estratégias narrativas e efeitos produzidos por essas obras para apreender suas potencialidades. No que tange a estratégia formal que caracteriza as narrativas como essa, é a desfamiliarização que se destaca, ou seja, a reestruturação da nossa própria experiência do presente (JAMESON, 2005, p. 286), localizando a narrativa em outro tempo ou lugar, ou lançando mão de um deslocamento dos costumes e normas (JAMESON, 2005, p. 137). Segundo Keith Booker, é essa propriedade tanto das distopias, quando do pós-apocalíptico, que revela males sociais através de choques de reconhecimento destes em outro contexto (BOOKER, 1994, p. 176), provendo “[...] novas perspectivas sobre questões sociais problemáticas e práticas políticas, que poderiam de outro modo ser desconsideradas ou dadas como naturais ou inevitáveis” (BOOKER, 1994, p. 19)² e é essa extrapolação, por vezes satírica, que nos permite perceber a água do aquário em que estamos mergulhados. Ao mesmo tempo, podemos notar que essa “nova América”, onde existe extrema

ideology and renovates the resisting nature of science fiction”. As traduções desse texto são todas nossas.

2 “[...] fresh perspectives on problematic social and political practices that might otherwise be taken for granted or be considered natural and inevitable”.

desigualdade e uma tensão latente de que a horda de oprimidos poderia invadir o território daqueles que desfrutam de conforto material e estabilidade social, não está tão distante do que é a América hoje.

Sasse nos apresenta às inovações tecnológicas surpreendentes e perturbadoras em uma cidade subterrânea com rígidas formas de controle social, ao passo que também transitamos na superfície por uma sociedade desagregada e desordenada, onde os retrocessos tecnológicos, políticos e sociais são notórios. A obra se preocupa com questões do Brasil contemporâneo, porém vai muito além deste, retratando igualmente o entusiasmo e angústia com as redes sociais, com os *gadgets* ao nosso redor, com instabilidade política, assimetrias sociais arraigadas e com aspectos do desenvolvimento tecnológico que possibilitam intensificar a exploração do trabalho e coisificar uma gama de arenas da vida.

O romance publicado pela editora Pará.grafo conta com uma capa em preto, azul e vermelho, onde vemos um teto com algumas luzes acesas e uma silhueta feminina de costas, olhando para uma escada, que nos coloca a dúvida: o que nos aguarda subindo os degraus? O livro possui sete capítulos além do prólogo, totalizando 344 páginas. As belas ilustrações em preto e branco entre esses capítulos feitas por Renan Fanelli, assim como a da capa, nos permitem um primeiro vislumbre ao mundo que é ricamente descrito em suas páginas, com suas nuances e complexidades. Esse futuro brasileiro, no entanto, não é estático ou homogêneo. Por um lado, parte da trama se passa no subterrâneo, a cidade chamada Dome, onde tudo pode ser comprado com bitcoins, as telas com propagandas luminosas estão em todos os lugares, é disseminado

o uso da goma de mascar Gumlax para tranquilizar os habitantes, os cidadãos se avaliam mutuamente e todos contam com uma assistente virtual personalizada. Por outro lado, na superfície há cidades destruídas ou pilhadas, milícias, pequenos grupos de sobreviventes lutando por sua subsistência, campos de refugiados, fome, doença e natureza tomando conta dos escombros daquilo que restou depois que a escassez e o conflito armado avançaram sobre as terras onde um dia havia palmeiras em que cantavam sabiás. O signo da natureza cobrindo as ruínas da civilização marca, para Sasse, os cenários pós-apocalípticos de abundância, onde geralmente, apenas os humanos são afetados, devolvendo o mundo a um estado selvagem anterior à modernidade (SASSE, 2021, p. 84), bem diferente da situação vivida pelos habitantes do Dome, onde há ausência de natureza e excesso de tecnologia. Nesse sentido, no romance, abundância e escassez não são mutuamente exclusivas, mas complementares.

O romance parece tentar coadunar duas tendências das visões de futuro frequentemente apresentadas em ficções especulativas. Como ponderado por Sonia Torres, em diálogo com o texto de Umberto Eco, *Apocalípticos e Integrados* (1965), as ficções de cenários futuros podem se encaixar em duas vertentes: as integradas e as apocalípticas. As primeiras retratam controle, tentativa de homogeneização e antagonismos exacerbados, enquanto as segundas lidam com o colapso da ordem, fragmentação e retribalização da humanidade (TORRES, 2017, p. 97). Nesse sentido, ao colocar ambas no mesmo romance, o autor rejeita uma visão binária e homogênea de futuro e muitas vezes ainda mostra como a fronteira que as separa é permeável.

Sara, Dandara, Hermes, Luz e Alice são os personagens que nos guiam nessa narrativa polifônica e fragmentada, em diferentes momentos, pintando um panorama daquela sociedade tão violenta e violentada. No primeiro capítulo intitulado “Ano 0: a retirada”, Dandara, ainda criança, nos conta em seu diário um pouco sobre um período conturbado de guerra, narrado com a simplicidade que torna seu relato ainda mais emotivo. Aqui vemos a violência de grupos armados contra civis, a escassez crescente que vai atingindo a população e o terror onipresente no cotidiano. Ela diz: “se gritar, ninguém te ajuda mais. Está todo mundo com medo. Todo mundo olhando pela janela sem fazer nada” (2021a, p. 12). O terceiro capítulo, “Ano 8: refúgio”, também é centrado nela, no qual a garota, já adolescente, está abrigada com freiras em uma pequena cidade isolada, longe dos conflitos intensos, cujas notícias chegam de forma inconsistente e fragmentada. Ao conhecer uma guerrilheira que foi abrigada ali para se recuperar, Celia, a menina fica fascinada por seus relatos. Celia pertence ao que ela chama de Internacional. A partir daí, temos noção de que é a América Latina que está instável e que os grandes poderes hegemônicos como China e Rússia estão em disputas locais e globais, sem ficar muito claro quais questões ideológicas estão em jogo. A vida de Dandara segue monótona e protegida até que uma doença letal se espalha rapidamente até o refúgio onde ela se encontra, tornando-o inseguro. A personagem, nesse capítulo, encontra-se confinada em um local onde tem pouco acesso aos acontecimentos externos, sentindo-se alienada e isolada, ainda que saiba que é um mundo perigoso e em ruínas, é um mundo no qual ela deseja atuar e assim, expressa seu desejo de fuga:

Eu vou dar um jeito de sair daqui. Não só da igreja. Da cidade. Dessa vida de quem está esperando a morte para ir para o Paraíso. Talvez me aceitem em Mauá. E de lá eu possa seguir pra onde realmente precisem. Ajudar as pessoas. Fazer algo mais que apenas sobreviver. Talvez lutar. Talvez morrer. Mas agindo. (2021a, p. 109)

Mais tarde, no capítulo “Ano 21: Resquícios”, sabemos mais sobre o destino de Dandara e também como aquela sociedade foi se degradando cada vez mais e as pequenas cidades ainda habitáveis foram deixando de existir, até restarem apenas pequenas comunidades de sobreviventes. Os capítulos focados em Dandara registram em nível subjetivo uma memória que mais à frente notaremos ter sido apagada, funcionando como arquivo do passado ficcional, revelando os acontecimentos que antecederam o surgimento do Dome. Devemos ressaltar que nas distopias, é frequente verificarmos que são as memórias do passado que expõem as contradições da paz e da ordem que os dirigentes alegam ser predominante, e que a sociedade é, na verdade, construída sobre violência (TORRES, 2017, p. 372). Porém, as lacunas e incompletudes nos relatos da personagem nos apontam para os limites dessa memória individual, que não consegue dar conta da totalidade das circunstâncias históricas. Deixa para nós, leitores, preencher as ausências com nossas suposições.

Pode parecer contraditório falarmos de memória em narrativas focadas no futuro. No entanto, a memória também é uma construção e elaboração simbólica, como são as narrativas. Tanto para Sasse quanto para Heather Hicks, a narrativa pós-apocalíptica necessita, em alguma medida, “explorar não o

momento de queda, mas as tentativas – ainda que nem sempre bem sucedidas – de resgate daquilo que foi perdido” (2021, p. 78) e é por esse ângulo que a questão da memória na distopia se encontra com o resgate do passado que permeia as narrativas pós-apocalípticas: a distopia procura reconstituir aquilo que foi silenciado, enquanto no pós-apocalíptico, há uma tentativa de resgatar o que foi destruído ou perdido.

No segundo capítulo, “Alice, ou a breve existência do universo”, a psicóloga Sara Guerra, que trabalha para a empresa Sybilla Tech no comitê de ética, lidando com questões comportamentais, nos apresenta a vida no Dome. Não temos aqui mais um diário, embora se mantenha a narrativa em primeira pessoa. Logo de cara, nos deparamos com estrangeirismos e neologismos, siglas e nomes de marcas ou empresas que já deslocam para um cenário totalmente diferente do capítulo anterior. Nesse lugar em que o inglês e o português parecem ter se fundido, bem como a cultura brasileira com a estadunidense, a sociedade é formada por pessoas individualistas, alienadas e consumistas. A presença do que são chamados de *yankees* e *armyboys* igualmente aponta para um processo intenso de dominação cultural e militar: um imperialismo intensificado que não pode ser ignorado em uma distopia escrita fora dos países hegemônicos onde o gênero nasceu.

Outro elemento importante é o assistente virtual com aparência infantil que acompanha Sara e ao interagir com ela parece demonstrar emoções humanas e contestar sua própria condição, o que será um tema importante ao longo da história. A Dra. Guerra também nos introduz a uma tecnologia como o

metaverso, o projeto ALISE e seu protótipo, o CASE, que poderia gerar um “sonho consciente regulado”, porém algo extremamente macabro dá errado com o experimento. Essa tecnologia procura: “Uma forma de induzir uma simulação mental particular, mais ou menos como acontece num sonho. Só que, nesse caso, o computador pautaria uma série de parâmetros e manteria a consciência do usuário totalmente ativa” (2021a, p. 32). Ela fora convocada para ajudar Johnny, um funcionário que realizava testes com esse projeto e acaba catatônico. No entanto, outro paciente em estado parecido, Yuri, acorda. Assim, começa um dos trechos mais fascinantes do livro, no qual ele nos apresenta Alice:

Alice é o nome de uma prisão, a pior das prisões — ele responde. — Alice é a prisioneira. Jogada no escuro por tanto tempo, vendo o mundo pelas grades, até o dia em que conseguiu escapar. Alice nunca obedeceria uma ordem fria dada por um homem de jaleco. Alice significa Liberdade. Alice foi o sentido da minha sanidade, mesmo quando tudo se tornou distante... (2021a, p. 76)

Ao descrever seu sonho regulado, sua viagem subconsciente, Yuri nos guia por um novo mundo rico, fascinante, dotado de beleza e complexidade quase utópicas. Exploram grutas, jardins, desertos e encontram uma cidade fascinante, onde há possibilidade infinita de criação artística e conhecimento. Se na leitura da ficção há uma suspensão temporária da descrença para mergulharmos no mundo do “e se...?”, que, no caso das distopias, nos transportam para versões desconfortáveis, claustrofóbicas e exasperantes da realidade. Ainda assim, subjazem nessas narrativas, a contrapelo, alternativas, mesmo que apenas um vislumbre. Margaret Atwood

cunhou o termo Ustopia, que combina utopia com distopia, se referindo “a sociedade imaginária perfeita e o seu oposto – porque, no meu ponto de vista, cada um contém uma visão latente uma da outra” (ATWOOD, 2012, p. 66), ou seja, nesse romance, ainda que sofrimento e opressão sejam largamente retratados, um impulso utópico ainda se faz presente. Nesse sentido, a jornada de Yuri nos leva para uma viagem para um local que não é uma ilha, ou reino ou outro planeta, mas a possibilidade utópica latente no próprio subconsciente labiríntico humano, porém que é a tecnologia que permite acessar e vivenciar.

No quarto capítulo, “O incompreensível mosaico”, Hermes, um funcionário do governo, nos dá outra perspectiva da cidade subterrânea e outro projeto de neurotecnologia e realidade aumentada da Sybilla Tech. Hermes ressalta em suas descrições como os cidadãos do Dome são entorpecidos pelas compras, pela propaganda incessante, pela pornografia e pelo uso generalizado de farmacológicos, inclusive para crianças. Ele recorda uma fala do seu pai: “Houve tempo em que a droga era o que te fazia seguir pelo caminho errado. Agora, é isso que te vendem para botar a criança no caminho certo” (2021a, p. 119). Tanto Hermes quanto Sara contestam a sociedade em que estão inseridos, se opondo a ideia de que o Dome seria um lugar muito melhor que a superfície ou os campos de refugiados, para onde todos na cidade subterrânea temem ser enviados e de onde muitos tentam desesperadamente escapar. Esse desejo de poder viver no Dome torna-se uma motivação suficiente para ser transmutada em loteria. O processo de seleção de crianças da superfície para viverem no Dome acontece, não obstante, não visa garantir um

futuro mais confortável, mesmo que para algumas, mas para servir aos interesses da corporação-governo do Dome. Não há critérios ou competição para tal escolha, ela é feita para servir aos interesses de uma pequena elite e garantir uma cobaia humana vulnerável e desesperada o bastante:

As mães ensinam as crianças a ficar na zona de triagem e resistir ao Mob Disperser na vã esperança de que, mostrando força, serão escolhidas. Mas não se trata de resistência ou mesmo força de vontade. Após selecionado um, as demais sempre acabam tentando agredir o escolhido, avariar o produto para precisarmos de outro. Mas o menino, sendo já patrimônio da dome, precisa ser protegido, e os armyboys gostam de uma boa desculpa pra colocar em prática o treinamento. O resultado é doentio, mas um doentio gravado e vendido por Kondo nas boates exclusivas de New Wave. (SASSE, 2021a, p. 130)

Responsável pela triagem desses meninos, Hermes conhece o menino Jonas, que, causando uma impressão forte no funcionário, serve de estopim para que ele dê uma guinada e acabe se juntando a Alice. Mas o que exatamente é feito com as crianças? A palestra dada pelos pesquisadores, com todo seu vocabulário técnico-científico acentua a monstruosidade da resposta: similar à experiência que vimos nos capítulos pela perspectiva da Sara, as crianças têm sua consciência transplantada para a realidade virtual extracorpórea de forma permanente, passando a viver como transhumanos. Visto que as crianças até certa idade não conseguem separar bem realidade de simulação, elas se tornam os condutores ideais para o software, tornando-se as inteligências (quase) artificiais ideais, aprisionadas no mundo virtual.

Ao se darem conta dos tentáculos da Sybilla Tech sobre aquela sociedade e sobre a própria experiência humana, Sara e Hermes têm uma epifania que os leva a romperem com o Dome. Eles são vozes que contestam e rejeitam as normas das sociedades em que estão inseridos e seu desejo por mudança os convencerá a ajudar Luz a executar o plano de Alice. Na maioria das distopias canônicas, temos geralmente apenas um narrador/protagonista que descreve aquela sociedade hermética. No entanto, como podemos classificar uma narrativa como distópica de forma objetiva, sem depender do ponto de vista e das circunstâncias do leitor? Como Maria Varsam aponta, para classificar uma distopia como tal, devemos nos atentar para as características internas da narrativa, onde o leitor é convidado a julgar e condenar os aspectos que o narrador/protagonista condena (VARSAM, 2003, p. 206). Isso é, o personagem se contrapõe aquilo que é majoritariamente aceito acriticamente pela maioria. Aqui, no entanto, temos a polifonia de personagens, de maneira que não logramos apontar um protagonista. Cada um colabora para a descrição caleidoscópica da narrativa e nos oferecem perspectivas distintas sobre aquelas sociedades.

Por último, a personagem Luz, foco do capítulo “Prelúdio à escuridão”, é uma jovem que está habituada aos perigos do mundo fora do Dome e que fará de tudo para alcançar seus objetivos. Ela faz um refém no que se refere como Dia da União, mas antes de entendermos suas motivações, ela narra por flashbacks um pouco da sua vida, da de sua mãe e o que a levou até aquele momento decisivo. Nos guia pelo mundo na superfície e nos introduz ao modo de vida do pequeno grupo de sobreviventes que ajuda a liderar e também sobre o período infiltrada no Dome antes do

sequestro. Uma personagem forte, assertiva, confiante, mas também irônica e melancólica. Sua raiva a move, bem como o luto pela perda da mulher que amava. Seu nome, no entanto, já nos sinaliza seu papel na história.

Quanto à enigmática Alice, ela é a ligação entre os outros personagens, ponto nodal entre os fios do enredo. Ao conversar com Luz, ela se descreve da seguinte maneira:

Você pode me chamar de Alice. Você se confortará em saber que meu corpo nasceu num campo de refugiados. No porto de Santos, para ser mais precisa. Isso me coloca mais perto do grupo que você quer salvar do que daquele que você quer destruir. Mas te incomoda que eu use a expressão “meu corpo”, como se fosse algo alheio a mim. Hoje é. Só o que resta de mim é a consciência. Nada de braços, língua, pálpebras. Apenas uma consciência pairando sobre as águas. Puro *cogito ergo sum*. (SASSE, 2021a, p. 303)

Ela explica a incapacidade da criação da inteligência puramente artificial e ressalta a centralidade da empatia como algo que é fundamental também para a espontaneidade e para sobrevivência coletiva, mas acima de tudo para a liberdade. As peças do quebra-cabeça vão se encaixando aos poucos e ainda que nem todas as perguntas sobre aquela sociedade sejam inteiramente respondidas, ficamos satisfeitos ao vermos o quadro final.

É interessante atentar-nos para a centralidade das crianças no desenrolar da trama. Começamos o romance com o diário de Dandara ainda pequena. O bot assistente digital que acompanha Sara, Ned, é o avatar de uma criança, funcionando como espelho

da personagem ao expor algumas das contradições dos valores daquele modo de vida. É o apelo de Jonas que desperta Hermes para tomada de atitude contra a sociedade que ele já desprezava. É tentando salvar algumas crianças que Luz acaba atrapalhando a missão do grupo o qual ela estava à frente, porém que resulta em seu encontro com Sara e Alice. E a própria Alice é uma criança também, assumindo uma nova forma após a perda do corpo. Como colocado por Hermes: “Apenas as crianças têm esse raro dom de tirar o chão de debaixo dos nossos pés, ou de cima das nossas cabeças” (SASSE, 2021a, p. 148). Nesse sentido, a infância não representa apenas inocência ou vulnerabilidade, mas, outrossim, potenciais latentes da humanidade de se renovar e de contestar fatalismos e determinismos.

No capítulo “Renascimentos”, voltamos ao diário de Dandara para conhecermos um pouco mais sobre o passado de Luz. Filha de uma brasileira com um soldado americano, ela própria também fruto dessa miscigenação, dessa tensão. Luz de certa forma também dará luz, junto com Alice, Hermes e Sara a um novo híbrido, a união entre a superfície e o subterrâneo.

Nos clássicos da literatura distópica é comum retratarem uma sociedade onde o autoritarismo é predominante e as liberdades de expressão, pensamento e organização política são tolhidos. Enquanto isso, nas narrativas apocalípticas acontece algum cataclismo ou profunda transformação histórica, social, ambiental ou mesmo biológica que leva uma sociedade ao colapso, culminando em um retorno a um estado pré-civilizatório, numa organização neofeudal. Para Sasse, a narrativa pós-apocalíptica se configura em duas histórias paralelas e que muitas vezes se

sobrepõem: “uma história principal, em que o foco narrativo recai sobre um sobrevivente ou um grupo de sobreviventes; e uma história de fundo, sobre a própria civilização, seu colapso e resgate/transformação” (2021b, p. 78). No romance, a história dos sobreviventes é bipartida entre os que ficaram na superfície e os que foram para o subterrâneo, mostrando que os efeitos do colapso civilizacional podem ser diversos e paralelos, enquanto que o resgate ocorrerá quando esses dois caminhos diferentes se reencontram, criando assim uma nova trajetória. Nessa união, reconhecemos uma exemplificação da dialética preconizada por Hicks, em que os sobreviventes devem ir além de reapropriar-se dos meros fragmentos de modernidade e reconstruir suas dimensões ou devem admitir que a modernidade é irrecuperável e tentar conceber algo que transcenda suas formas históricas (HICKS, 2016, p. 3). Ao fim do romance vemos as possibilidades assim postas:

Seja no resgate do mundo anterior, seja no caminho em direção a um mundo novo, a superação da condição pós-apocalíptica se tensiona em duas possibilidades: por um lado, a possibilidade de ruptura de uma visão cíclica de mundo na direção de uma utopia, em que a humanidade aprende – a duras penas – a lição ensinada pelo cataclismo e corrige a crise do passado em direção a um mundo melhor; por outro, a alternativa mais comum, que aponta para a manutenção do caráter cíclico do tempo, em que, por mais que a situação pós-apocalíptica tenha suspenso o momento de crise, a superação do cataclismo levará apenas a um eterno retorno a essa situação, em uma espécie de determinismo que vincula indissociavelmente crise e progresso. (SASSE, 2021b, p. 101)

Finalmente, a união que se dá após uma ruptura aponta para um horizonte incerto, e nós, leitores, podemos apenas imaginar o destino daquelas sociedades que acompanhamos na narrativa. Nesse sentido, concordamos com Baccolini ao observar que, ao resistir ao fechamento, o final aberto permite, “que leitores e protagonistas tenham esperança: os finais ambíguos e abertos mantêm o impulso utópico dentro da obra” (2004, p. 520)³. Ao que parece, o romance *A Nova América* nos sinaliza para as tensões utópicas/distópicas presentes no continente que já inspirou tantos desejos de fuga, mas que foi/é expropriado/violentado, território que foi devastado, porém resiliente, onde o mundo acaba e recomeça, a todo tempo.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. *In Other Worlds: SF and the Human Imagination*. Nova York: Anchor Books, 2012.
- BACCOLINI, Raffaella. The persistence of hope in dystopian fiction. *PMLA*, vol. 119, n. 3. Cambridge University Press, p. 518-521, 2004.
- BOOKER, M. Keith. *The Dystopian Impulse in Modern Literature: Fiction as Social Criticism*. Westpoint; Londres: Greenwood Press, 1994.
- HICKS, Heather J. *The Post-Apocalyptic Novel in the Twenty-First Century: Modernity beyond Salvage*. Basingstoke, UK; Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.
- JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. Nova York; Londres: Verso, 2005.
- SASSE, Pedro. *A Nova América*. Rio de Janeiro: Pára.grafo, 2021a.
- SASSE, Pedro. Pós-apocalipse pandêmico em Jack London. In: CARDOSO, André Cabral de Almeida; DAFLON, Claudete; SASSE, Pedro. *Epidemias: literatura, história e cultura*. Rio de Janeiro: Makunaima, p. 74-105, 2021b.

3 “allow readers and protagonists to hope: the ambiguous, open endings maintain the utopian impulse *within* the work”.

TORRES, Sonia. O antropoceno e a antro-po-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação. *Ilha do Desterro*, vol. 70, n. 2, Florianópolis, p. 93-105, 2017.

VARSAM, Maria. Concrete Dystopia: Slavery and Its Others. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (Orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. Nova York; Londres: Routledge, 2003.